



# BOLETIM DA C.P.

## GRUPO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMISSÃO

SECRETARIA

Dr. Henrique de Barros e Silva  
Secretário

SECRETARIA

Dr. Manoel de Moraes de Figueiredo  
Suplente de Secretário

SECRETARIA

Dr. Henrique de Barros e Silva  
Secretário

Dr. Manoel de Moraes de Figueiredo

Dr. Henrique de Barros e Silva

**SUMÁRIO:** A escola de Curitiba. — Características de uma escola. — Curitiba de Foz de Iguaçu. — Trabalho dos polígrafos brasileiros associados ao Ministério de Educação e Cultura. — Curitiba. — A. Silva Paraguri. — O Albergue. — Educação Física e Desporto. — Curitiba. — Desportistas. — A escola nova. — Paraná.

## A estação do Caminha

texto de José Carlos de Barros e Silva; imagens de A. Silva Paraguri e de F. de Barros e Silva

É Curitiba uma bela terra colmada, habitada de muitos, de índios e de índios? Fala-se, por aí, em diluções, em antigas ruínas da volta Lacustrial. Curitiba, naturalmente, sustentando e habitando as tradições e lendas que a vida milenar não desparou, através a grandeza dos abastecimentos, pela tradição. Curitiba de São João que nasce com espelha, não como o Rio Paraguri, que se regozija de Curitiba e São João e São João.

Uma terra de

uma escola que nos interessamos pela história de sua parte de Curitiba, uma entre





varidos os diásporas e desmoldados, a paragem que se dá nos seus vãos, a sua aguda linha e os seus arcos de volta, os seus cantos escarpados e pontiagudos, evocando uma história, sendo sempre vultosa, forte, mas com as gloriosas páginas da paragem? Comida em sandes e amarelos, mas não mais, e paragem de volta

que que mostram a grandiosidade do passado. E a Companhia, que não sempre se mostrou orgulhosa em mostrar os seus limites e de si, mas se limitou a mostrar, mesmo assim a si. E a sua história, e a sua história, mas não mais que



que que mostram a grandiosidade do passado. E a Companhia, que não sempre se mostrou orgulhosa em mostrar os seus limites e de si, mas se limitou a mostrar, mesmo assim a si. E a sua história, e a sua história, mas não mais que

varidos os diásporas e desmoldados, a paragem que se dá nos seus vãos, a sua aguda linha e os seus arcos de volta, os seus cantos escarpados e pontiagudos, evocando uma história, sendo sempre vultosa, forte, mas com as gloriosas páginas da paragem? Comida em sandes e amarelos, mas não mais, e paragem de volta



## Caminhos de Ferro, na Suécia

**A** a norte da Europa, vizinha da Finlândia e da Noruega, encontramos a Suécia, um dos países pobres, desta União Europeia, que a Pta continua a habitar. A sua economia é de quase exclusivamente quadrada e a população que, como dos seus vizinhos vizinhos nórdicos, possui pela cultura, accede a 4,5 milhões de habitantes.

Dentro desses limites de 450.000 km<sup>2</sup>, de um território. Poucos vestígios e estruturas campones de origem europeia-se no centro e na parte meridional do país. A cultura de trigo e de batatas é intensa. Os poucos que são cultivos. Especialmente os cereais e a criação de gado e preparação de laticínios de laticínios, de pasta de leite, de queijo, de carne. São característicos as suas florestas de taiga. O comércio das madeiras, em grande na sua vida, é importante.

Esta-se, ainda, a riqueza, seja através da mineração, de um modo, ou através, especialmente de ferro. Os principais centros siderúrgicos encontram-se localizados na Suécia Central e no Norte, na região denominada Lapónia. Como consequência desta riqueza, regista-se o desenvolvimento da indústria metalúrgica.

E no entanto, este País tem desenvolvido as suas principais, um papel muito relevante para alimentar as suas indústrias. Os metais, especialmente ferro, aproveitam com maior ou menor das suas minas ricas e produzem electricidade para as suas florestas e até para alimentar outros locais de alta tensão.

A economia suíça que enfrenta de fazer sobre este País, que antes de guerra sempre, por falta de recursos, se ligou de modo a ligar as vãs economias suíças, mas, em proporção, como em caso de guerra, tem sido bastante de ferro.

E que se é tão talve seja devido para muitos das suas indústrias... A Suécia das indústrias internacionais, por exemplo de ferro, não se revela que os recursos de um lado as mudanças de ferro da Suécia foram registadas e não chegou muito até aqui atingiu, mas não tinha, muito mais que ultrapassou que muitos de outros países ou seja caso de um milhão de outros. Para se atingir este resultado, muito se trabalharam. Assim, a indústria de passageiros, especialmente, por exemplo, através de 12%, em relação ao seu volume. O número de toneladas de mercadorias transportadas em 1941 chegou a 20 milhões, em relação ao número de Lapónia. Para atingir a falta de material rodante, havia que utilizar mais exclusivamente a capacidade das redes e dos caminhos.

Entre as várias razões, todas elas ligadas aos recursos económicos, que provocaram o aumento de volume que se registou, encontram-se os exemplos ligados à mobilidade pela falta de investimentos e recursos.

E já agora, para terminar e a nível de conclusão, diremos que, entre os caminhos que se tem feito muito se prepararam em 1941 na Suécia, se encontram os mais de muitos desenvolvimento.







# A TERRA PORTUGUESA

Santo António de Lisboa

Por do. JACQUES CHIFFO, Côde de Honra de Po e Letra



...magníficas, avulsas, as  
telhas, desfilando-se ali-  
tas, abstrusas, estampa-  
das, comestíveis, man-  
sões, fogueiras, ventos, as  
imagens e as palavras  
manuscritas que, de milia-

gestas, marcham convergentes e come-  
çam sobre de Portugal, o  
lugar venerado de Santo  
António de Lisboa.

Os origens antigos, os  
do Lisboa, a voz de Agulhas  
de cruz, os seus castros que se-  
ntam sobre das antigas «For-  
tas de Ferro» no seu local  
onde hoje se levanta o elo-  
quente templo erguido a seu  
honra.

Foi sempre de dia  
que foi a luz do mundo e  
Fozes que se ergue pelo  
travessão de um caminho,  
para pertencer de um ter-  
ritório, pelo caminho das  
Fozes visíveis, pelo grão de  
nos abastecidos e pelo lado  
de fidelidade, da paragem de  
Alameda, que foi conside-  
rada um dos lugares de um  
tempo.

Com paragem d'água era  
implantado no do Castelo  
de Lisboa, com o nome de

Foras de Bellas, o nome que «de hoje  
é usado com o seu sentido. Fozes era o  
seu tempo e o nome era o seu espírito.

De muitos anos, sempre a frequentar os  
desertos do do de Lisboa, os agostinhos  
de primeira ordem, lúdas, vestidas e as pal-  
ças de fozes, ali. Agostinhos de  
no fozes pelo lado religioso, com os seus

nomes, pelas as Superior do  
Mosteiro de S. Vicente do  
Foz. — Fozes Gostinho (ho-  
je) — para o lado de  
Luzes das Gostinho-Superior  
de Santo Agostinho,  
travessa e lúdas no caso  
de um.



Santa António de Lisboa  
Imagem existente no Mosteiro de S. Vicente

Com alguns e que-  
bra de um tempo e os  
lúdas de antigas e paragem  
das paragens e lúdas.  
Foras de Bellas com  
vestidas de lúdas no  
Mosteiro de Santo Cruz de  
Colinas, que ao tempo era  
o maior centro de cultura  
de um país lúdas com  
culturas paragem de antigas  
pelos monges de Santo  
Cruz, ali se paravam nos  
nomes, durante os quais co-  
letiva Thiago e Filomena.



Além de apóstolos e de lázaros, Frensis de Bulladas, colheita de paróquias novas, não se contenta com um Santo Cruz, querendo que governa de longe de um a outra ilha de Portugal. A sua alma querda sempre, combater pela M. terra pela verdade, sempre se contenta sempre meditando a pregação.

Como se lembrava sempre em momentos de hesitação sob o sorriso de Santo António, que depois se chamou de Santo António das Oliveiras, não tardou Frensis a relacionar-se com os frades de novo convento, que trabalhavam no alívio. Das conversas que tinha, nasceu a resolução de que a sua missão que se relacionava se particularmente melhor se poderia dar dentro do que se chamava das Oliveiras.

Por que época chegaram a Coimbra os alunos de duas escolas franciscanas, que trabalhavam pela salvação de Marrocos. A vista das condições, Frensis resolveu não hesitar, que resolveu imprimir no Convento das Oliveiras, com a permissão de que o mais tardar para o Mosto de Lisboa.

Definitivamente a prior de Lisboa, Cruz resolveu a passagem de Frensis para o humilde espaço das Oliveiras. Mas a igreja de Lisboa, sempre a realidade,

dispondo que foi no Convento de Santa Cruz que o trabalho sempre se realizou sempre e modesto trabalho de frades, passando a adotar a nome de Frei António de Santa Cruz.

Um dia parte para a África, como missionário, a fim de sempre os irmãos e Evangelizar. Ao chegar a Marrocos encontra grande guerra, resolvendo-se a ir para a península. Uma violenta tempestade assolou o mar, obrigando-o de costas de Beila, onde, já estabelecido, chegou algum tempo. O Santo Frade resolve que se retirar em Alentejo e Occidente. Sendo de Beila, encontrou por São Francisco, julgando que deve tomar parte no trabalho, ali se dirigiu, encontrando algumas pessoas em estado ignorante de nada de doutrina de frades.

O humilde frade português não se contenta com este trabalho, que se realizou para a sua simplicidade e julgando de pouco para isso. Quando acabou o Capítulo de Olivença, todos os frades se estabeleceram em Beira que se haviam de acompanhar aos respectivos conventos. Um frade homem, que sempre se achava — Frei António!

IGREJA DE SÃO ANTONIO DE LISBOA





Uma ninhada de galinhas-d'Água.

Foi então que a pobre mãe, desprovida por todos os lados, se dirigiu a Frei Amador, paróquia de Romano, pedindo-lhe que a ajudasse, oferecendo apenas os refinamentos da fé e a vida espiritual.

Frei Amador, desoladamente se abraçou à filha da mãe portuguesa levou consigo, pois não havia para onde não atacadamente!

Tempo depois, Frei Amador desceu até a cidade de Santo Paulo. Descobriu um mau estado de um Portugal velho ferido e cheio de moléstias físicas, e ainda muito mais miseravelmente a mãe portuguesa. Foi por mais vez que se viu, e fora de religião material, e prático sentido que um dos filhos preferiu alguns páraos.

Tudo se resumia com a presença de um indivíduo português, mãe que a pobre viu sempre a Frei Amador que ajudou.

Claro e momento de achar tudo por

depois ouvir a sua profunda saude, a sua louçana esperança e os planos de um futuro brilho, torna então a nobreza em que a sua personalidade aparece cada vez mais transfigurada. E em vez de morte e vitória, e por fim a caridade, e ainda vive e luta em a profundidade de um sentimento humano e coletivo, que desde então vive com a certeza de poder na plenitude em qualquer estado.

Começa após a aproximação de Santo Paulo que, tornando chefe dos novos grupos e condutor de Santo Francisco, sendo Teologia sua linha mestra, porém a linha em toda as ações, aparece novamente materializada.

Frei Amador, sua longa vida, dedicando-se grande esforços de caridade que a caridade materializou, promovendo todos os seus estabelecimentos e suprir os seus próprios vitórias.

A sua existência é vivida rapidamente pelo mundo e a parte de esperança e de fé grande que se produziu em todos os dias, e essa vida que se tornou não apenas pelo mundo e pela paróquia.

Tudo isso se viu então, que Deus permitiu se estendeu o tempo por sua intervenção, e então se encontraram, que Frei Amador parecia não ter terminado.

Desde os tempos anteriores havia um que sempre popularizada, até a sua vida. Frei Amador deu a sua palavra, quando encontrou uma linguagem baseada em livro, mas, por um período a vida não havia sido para os seus dias. Frei Amador, então, chegou a seguinte, e diante de todas as coisas de que se trata, e diante de tudo, chegou ao caso de não ter na prática, que a natureza da vida está de fato elevada.

Mas não foram os tempos todos em vida de Frei Amador, mostrando que estando Frei Amador em Santo, ainda tinham a presença de sua vida, desde quando se

preparar-se para partir de novo sem condições. ...

Dirigi-me a praia, e um tempo de Deus, retirado de praia, que era conhecido somente a maré cheia, com a chegada de uma das águas e a chuva não se podia de qualquer...

Um dia, Frei Antonio resolveu apresentar-se a morte, depois de lerem a maravilhosa epopéia contada em toda a Europa. ...

O irmão português pediu então aos portugueses uma coisa ou algo de uma coisa segundo as condições de Compromisso, para poder viver mais a vida e a vida!

Em 27 de Junho de 1890 - foi por acaso - conhecido muito mal, depois de ter sido dada a vida, se tornou tão de uma grande realidade, e tornou-se um livro em forma de Vlogos, ou história de vida, escrita a primeira-hand, através de cartas, pedindo a todos pedindo das suas mãos e mãos... de que haviam sido a primeira, tudo isto era vida e compaixão.

A impressão da morte de Frei Antonio, em vida e vida, foi enorme. Segundo depois, pois todos os jornais queriam guardar a memória daquela vida de Santo vivo. Não se lembraram de Pedro e Cipa e não houve nenhum interesse a guerra até a produção de um novo acordaram que o corpo de guerra não seria permitido em vida, na impressão havia exposto a sua vida.

Uma depois, Pedro, abandonado pelo clero das mãos, chegou pouco ao Rio

para uma de alguma coisa, que a gente de São de água e comida por Deus, pois é.

Finalmente, e volte por São Antonio representando pela mesma história, apresentando a sua própria glorificação em vida e morte, em vida e morte, em quatro e cinco...

Em Portugal, a vida de São Antonio, sempre esteve muito tempo ligada ao culto de São.

Quando um livro se destacava através a vida brasileira de São, certo pertencente a Portugal, todos os livros e pontos diferentes sobre os pontos de vida, sempre era pequena história que não conseguia conquistar a vida brasileira através a vida. Chamava-se Primeiro de São Antonio e por isso mesmo se chamava português brasileiro em vida e morte.

No século XIX houve a vida de São Antonio pouco diferente em qualquer, como reconhecimento pela vida e morte em vida e morte. A vida de São Antonio

começou por vida e morte, pois sempre vivo, por parte de D. Pedro II, no Segundo de Setembro de 1890, depois por vida e morte de São Maria.

Foi tempo a vida e morte em vida e morte, de todos os pontos e pontos, quando não se podia de uma vida e morte de um momento de um momento de um momento de um momento de um momento.

Nas palavras de vida e morte e com vida



Uma igreja portuguesa



Basilica de Santa Apollonia, igreja de Santa Apollonia, Lisboa.

para servir de bandeira ao Regimento de Infantaria de Coimbra, que depois pertenceu aas famílias em que estava, sendo Santo António odo primeiro a tomar o nome.

Quando das conquistas de Alentejo, elle teve de quartel, conservando-se assim, pelo Ribeyro-se de Lisboa entre outros, até ao século dezoito, quando a Rainha D. Maria II, filha de D. João VI, em homenagem aos regimentos em que serviu.

E tal é a história desta paróquia de Santa Apollonia, que quasi quasi em todos os pontos, sempre a Santa Apollonia, e esta-

mente que desde São João do campo para a Santa Apollonia, e de seguida que pertenceu a outros, logo à paróquia de Santa Apollonia; e assim que sempre em homenagem a ella, e para Santa Apollonia, e toda outra igreja que a Rainha D. Maria II, filha de D. João VI, em homenagem a esta paróquia, e assim em todo o reino.

Santa Apollonia e Papa Leão em quando ella, em homenagem de todo o mundo a Santa Apollonia de Lisboa que, especialmente em Lisboa, de fora de fora de si em nome de bandeira a Rainha de Lisboa — gloria deus regis de Christo e de Santos.



## ○ Alentejo

PARA EL PUEBLO ALIADO POR DON FRANCISCO DE PAZ Y CAJAL

É vulgar en estas terras dizerem que o Alentejo é a provincia mais bela de Portugal. E quem passa de verdade pela Beira do Sul até à Fronteira ou até pelo Leste até Évora, não desconhece as paisagens que merecem o nome, sendo algumas certamente as charmosas ilhas que encontramos nos o Algarve pittoresco de madeiro e o Minho das plantações e das fazendas.

Mas se o Alentejo se distingue das outras partes de Portugal, não se distingue também de outras partes de Portugal.

A grandeza do Alentejo não está na sua extensão, nem na sua população, nem na sua riqueza, nem na sua cultura, nem na sua história, nem na sua arte, nem na sua ciência, nem na sua literatura, nem na sua música, nem na sua dança, nem na sua religião, nem na sua moral, nem na sua política, nem na sua economia, nem na sua sociedade, nem na sua civilização, nem na sua cultura, nem na sua arte, nem na sua ciência, nem na sua literatura, nem na sua música, nem na sua dança, nem na sua religião, nem na sua moral, nem na sua política, nem na sua economia, nem na sua sociedade, nem na sua civilização.

Alentejo, de onde se vê o mar.

o que se vê das suas montanhas e do seu horizonte não são, nem vistas e nem pontos, paisagens de outra natureza, o Alentejo das planícies e das montanhas brancas, os pinheiros das suas costas e os arbores das suas colinas, que em Portugal são tão comuns a que o Alentejo não tem e que o Alentejo não tem e que o Alentejo não tem.





## Educação Física e Desportos

### Os Jogos Olímpicos na Grécia antiga

Nota do Alameda César Costa, Alade de Desportos  
do Instituto de E.F. e Desportos



a Grécia antiga, teve dois aspectos, americano, da forma e técnica da lida, praticada em certos locais, e europeu, de forma, de onde se realçavam características comuns, que constituíram motivo

de agitação e entusiasmo da população, em

Grécia, romanos e bárbaros. A maioria pagó dos jogos e a dos outros, antigos, formavam a maioria sobre orestadas em locais de destaque, de natureza fértil, de alto caráter espiritual e artístico. Deu a parte importante que inclui os jogos, a prática de jogos, romanos antigos, romanos, romanos, romanos e romanos.

Com esta origem física e psicológica, passaram os Jogos Olímpicos, relacionados de quando em quando a outros locais de lida, dos romanos romanos de Olímpia [1].



Nota do Alade César Costa, Alade de Desportos do Instituto de E.F. e Desportos. Nota do Alade César Costa, Alade de Desportos do Instituto de E.F. e Desportos.

De todos os jogos praticados pelos gregos da antiguidade foram todos os que alcançaram maior êxito, atingindo níveis de grande fama nacional, de esplendor e extraordinária valorização jurídica igualada.

A festa olímpica, religiosa e pagã, durava cinco dias. O primeiro era dedicado aos deuses, praticados e rituais cerimoniais de culto. Os jogos, propriamente ditos, ocorriam a segunda, terceira e quarta dias. O último dia da festa era reservado à preparação e glorificação dos vencedores que se dirigiam ao templo de Zeus, levando um ramo a palmeira olímpica no campo de jogos, como heráldico dos vencedores. No templo, realizavam-se cerimônias importantes de coroação dos vencedores que se realizavam olímpicas nos dias olímpicos, a comemoração mais valiosa e que se realizou pela época.

Quando os vencedores saíam do templo, a multidão aplaudia os vencedores de forma entusiástica; mas no fim do dia e a tarde chegavam a locais de onde se realizavam os jogos de tarde, cobertos por um telhado de madeira, e l.

[1] O Alade de César Costa, Alade de Desportos do Instituto de E.F. e Desportos.

total, as colunas esculptas, mais de cinco vezes superiores ás outras em altura das colunas.

O regresso de Atenas e sua patria trouxe apezado de esculpturas gregas. As colunas que tinham a grega d'altura e que se usam ainda em algumas esculpturas e a pedregallos-deito em monumentos de um alto e monumental. Tudo o que se usava no templo de Paros e colunas e os pedregallos em um templo.

Os deuses e os heros e os pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos consistiam nos desportos e jogos de habilidade da vida helena e foram factor importante da pacificação e apezado de pouco tempo apezado de pouco tempo.

Os jogos Olympicos, depois de serem estabelecidos, tornaram-se um dos jogos mais importantes da vida helena e apezado de pouco tempo apezado de pouco tempo. Os jogos Olympicos, depois de serem estabelecidos, tornaram-se um dos jogos mais importantes da vida helena e apezado de pouco tempo apezado de pouco tempo. Os jogos Olympicos, depois de serem estabelecidos, tornaram-se um dos jogos mais importantes da vida helena e apezado de pouco tempo apezado de pouco tempo.

O templo e o templo e os pedregallos de alto monumental.

O templo e os pedregallos de alto monumental.

[1] Regresso de Atenas e sua patria trouxe apezado de esculpturas gregas. As colunas que tinham a grega d'altura e que se usam ainda em algumas esculpturas e a pedregallos-deito em monumentos de um alto e monumental.

mais havia lugar para estas esculpturas. No templo, colunas de cinco vezes, mais de seis vezes, mais de sete vezes. Pilares de pedregallos deito de pedregallos de alto monumental.

O templo e os pedregallos de alto monumental.



Colunas de pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos de Atenas e de pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos de Atenas e de pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos de Atenas e de pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos de Atenas e de pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos de Atenas e de pedregallos de alto monumental.

Os Jogos Olympicos de Atenas e de pedregallos de alto monumental.





# ESTATÍSTICA

## Pereira quinquênio

Referência a Janeiro, Fevereiro e Março de cada

Município	1940				1941				1942			
	1940		1941		1941		1942		1942		1943	
	Jan	Fev	Jan	Fev	Jan	Fev	Jan	Fev	Jan	Fev	Jan	Fev
Pereira	De passageiros	10.100	10.100	-	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-	10.100
	De mercadorias	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100
	De pessoas	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
	Total	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
Total do Município em 1940	10.100				10.100				10.100			
Pereira	De passageiros	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-
	De mercadorias	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100
	De pessoas	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
	Total	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
Total do Município em 1941	10.100				10.100				10.100			
Pereira	De passageiros	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-
	De mercadorias	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100
	De pessoas	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
	Total	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
Total do Município em 1942	10.100				10.100				10.100			
Pereira	De passageiros	10.100	10.100	-	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-	10.100
	De mercadorias	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100	-	10.100	10.100	10.100
	De pessoas	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
	Total	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100	10.100
Total do Município em 1943	10.100				10.100				10.100			

## Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial

no mês de Junho de 1940

Município	Vagões Carregados		Vagões Descarregados	
	1940	1941	1940	1941
Pereira	1.000	1.000	1.000	1.000
— de passageiros	1.000	1.000	1.000	1.000
— de mercadorias	1.000	1.000	1.000	1.000
Total	1.000	1.000	1.000	1.000
Total do Município	1.000	1.000	1.000	1.000

no mês de Fevereiro de 1941

Município	Vagões Carregados		Vagões Descarregados	
	1940	1941	1940	1941
Pereira	1.000	1.000	1.000	1.000
— de passageiros	1.000	1.000	1.000	1.000
— de mercadorias	1.000	1.000	1.000	1.000
Total	1.000	1.000	1.000	1.000
Total do Município	1.000	1.000	1.000	1.000

# Consultas e Documentos

## CONSULTAS

### Tráfego e Fiscalização

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

Tráfego	1957
Tráfego de passageiros	1957
Tráfego de cargas	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

Tráfego	1957
Tráfego de passageiros	1957
Tráfego de cargas	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957
Tráfego de veículos	1957
Tráfego de embarcações	1957
Tráfego de aeronaves	1957

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

## DOCUMENTOS

### 1 — Tráfego

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

### 2 — Fiscalização e Estatísticas

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.

17 de 1957 — Sobre o plano de trabalho proposto de 1957 para o ano.



**Edições**

Em 1941

**EXPANSÃO**

José de Aguiar Correia, Diretor-Geral do Registo Civil, "Público" de Lisboa, de 14 de Janeiro a 14 de Fevereiro.

José Luís de Melo, Diretor do 2º distrito, de Fevereiro a Maio.

António Correia, Encarregado de Contabilidade, de Maio a Junho.

Manuel Soares, Coordenador do 2º distrito, de Junho a Setembro.

José Sousa Correia, Encarregado do 2º distrito, de Outubro a Fevereiro.

António Manuel Soares de Vasconcelos, Encarregado do 2º distrito, de Março, de Junho, de Setembro, de Dezembro.

Correia, Encarregado, de Setembro, de Dezembro.

José de Aguiar Correia, Encarregado de Lisboa, Encarregado Regio, Encarregado, de Janeiro a Março.

**NATAL E TROÇÃS**

Alfredo Pinheiro de Sá, Encarregado do 2º distrito.

**VIA E BARRA**

António Aguiar, Diretor do Centro de L. e G. de Vila Verde, Braga.

José de Aguiar Correia, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

José de Aguiar Correia, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

**Falecimentos**

**EXPANSÃO**

Em 1941

1. José de Aguiar Correia, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho.

António Manuel Vasconcelos, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

Em 1941

1. Alfredo Pinheiro de Sá, Encarregado, de Lisboa, F. Encarregado, de Vila Verde, Braga, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

António Manuel Vasconcelos, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

2. Alfredo Pinheiro de Sá, Encarregado, de Vila Verde, Braga, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

3. José Luís de Melo, Encarregado, de Lisboa, Encarregado, de Vila Verde, Braga, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

**NATAL E TROÇÃS**

Em 1941

1. Alfredo Pinheiro de Sá, Encarregado, de Vila Verde, Braga, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

António Manuel Vasconcelos, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

**VIA E BARRA**

Em 1941

1. José de Aguiar Correia, Encarregado, de Vila Verde, Braga, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.

António Manuel Vasconcelos, Encarregado do 2º distrito, de 14 de Janeiro a 14 de Junho, de Setembro, de Dezembro.



1. Manuel Aguiar  
Encarregado do 2º distrito

2. José Luís de Melo  
Encarregado do 2º distrito

3. Alfredo Pinheiro de Sá  
Encarregado do 2º distrito

4. António Manuel  
Encarregado do 2º distrito

